

# EUA admitem: os juros estão muito altos.

Reagan reconhecerá o fato formalmente na reunião de cúpula de Londres. E garantirá que sua política econômica forçará a queda das taxas.

Teremos que reconhecer que as taxas de juros são incomumente altas, particularmente as taxas de juros reais, especialmente nos Estados Unidos. Essa afirmação foi feita ontem, em Washington, pelo secretário do Tesouro norte-americano, Donald Regan, ao falar sobre as contribuições que o presidente Ronald Reagan (foto) levará à conferência de cúpula de Londres, que reunirá, a partir do próximo dia 7 de junho, os líderes das setes nações mais ricas do mundo.

O secretário do Tesouro, porém, deixou claro que seu país não pretende propor medidas concretas, de curto prazo, para baixar as taxas de juros, reduzindo assim o peso da dívida externa sobre os países endividados. Reagan explicou que os EUA estão mais interessados em evitar um agravamento da inflação, o que, segundo ele, também preocupa as capitais financeiras mundiais.

Entretanto, disse ele, "pensamos que, na medida em que o temor da inflação se reduz com uma política fiscal mais restrita e uma política monetária restringida, haverá mais tranquilidade no mercado e, como resultado, as taxas reais de juros deverão cair e, juntamente com elas, a taxa nominal".

A Reserva Federal dos EUA, contudo, parece estar disposta a tomar providências para reduzir os efeitos da dívida sobre a economia latino-americana. Isto pelo menos é o que diz o Wall Street Journal, que, em sua edição de ontem, anunciou que o presidente da Reserva, Paul Volcker, planeja reunir-se, em meados de junho, com representantes do México, Argentina, Brasil e Colômbia para buscar uma estratégia de renegociação da dívida em bases mais viáveis. A proposta que a Reserva Federal poderá vir a apoiar contemplaria "uma generosa ampliação dos prazos" de amortização da dívida, mas, ao mesmo tempo, imporá controles mais estreitos em favor dos bancos credores.

Essa posição de Volcker, portanto, é muito mais avançada que a que será defendida pelo presidente Ronald Reagan na conferência de



cúpula de Londres. Segundo disse ontem o secretário do Tesouro Donald Regan, os EUA vão dizer em Londres que:

— Quaisquer novas medidas para reduzir a carga da dívida dos países do Terceiro Mundo deverão ser elaboradas entre os bancos comerciais e os países devedores. Os governos não devem ditar normas.

— As perspectivas para o crescimento econômico entre os países industriais são muito boas. O crescimento econômico entre os sete países integrantes da conferência deverá ter uma média de mais de 4% este ano.

— A inflação entre os países participantes da conferência provavelmente ficará, este ano, na mesma média do ano passado, ou seja, 4,6%. — A obtenção de um crescimento contínuo e não inflacionário deve ser a meta política central da conferência de cúpula.

Também ontem, o vice-presidente do Instituto Vienense para o Desenvolvimento, Peter Jankowitsch, defendeu, em Viena, a necessidade urgente de se realizar nova conferência monetária internacional.

Repetindo apelos semelhantes feitos pela primeira-ministra indiana, Indira Gandhi, pelo presidente francês François Mitterrand, e pelo primeiro-ministro da Nova Zelândia, Robert Muldoon, ele disse que a nova conferência deve realizar-se "antes que se produza a desordem". Jankowitsch acha que a conferência deve examinar cuidadosamente as instituições criadas em Bretton Woods à luz dos acontecimentos registrados nos últimos 40 anos, especialmente em razão das necessidades do Terceiro Mundo.

A reunião dos chanceleres latino-americanos para discutir as taxas de juros internacionais não será mais realizada em Bogotá, como estava previsto. Essa informação foi dada ontem pelo ministro das Relações Exteriores da Colômbia, Rodrigo Lloreda Caicedo, enquanto outras fontes oficiais colombianas diziam que o encontro seria realizado em Buenos Aires, em data ainda não determinada.